

UNIVERSIDADE DO MINHO

DIA DA UNIVERSIDADE

18 DE FEVEREIRO DE 2019

**Intervenção do Presidente
do Conselho Geral da Universidade**

Braga

CUMPRIMENTOS

- Magnífico Reitor da Universidade
- Senhores Membros do Conselho Geral da Universidade
- Senhores Membros do Conselho de Curadores da Universidade do Minho
- Senhores Reitores, Vice-Reitores, Ilustres Representantes de outras Universidades e Senhores Presidentes dos Institutos Superiores Politécnicos
- Senhor Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Dr. Domingos Bragança
- Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal de Braga, Dr. Firmino Marques, em representação do Senhor Presidente Dr. Ricardo Rio
- Senhores Deputados da Assembleia da República
- Senhor Arcebispo Primaz de Braga, D. Jorge Ortiga
- Senhores Autarcas, Presidentes e Vereadores das aqui representadas
- Digníssimas Autoridades Cíveis e Militares
- Senhores membros da Equipa Reitoral da Universidade do Minho, senhores Vice-Reitores e Pró-Reitores
- Senhores Presidentes e Vice- Presidentes de Unidades Órgânicas
- Senhora Provedora do Estudante, Professora Paula Cristina Martins
- Senhora Presidente e Senhores Membros do Conselho de Ética
- Senhores Professores de outras Instituições de Ensino Superior
- Senhor Administrador dos Serviços de Ação Social da UMinho
- Senhor Presidente da Associação Académica da Universidade do Minho, Nuno Reis
- Caros Professores e Investigadores

- Estimados Trabalhadores Técnicos, Administrativos e de Gestão
- Caros Estudantes
- Digníssimos Convidados
- Minhas Senhoras e Meus Senhores

Há anos, quando se pretendia sintetizar as principais funções da Universidade costumava-se dizer que elas eram três: conservar, transmitir e ampliar o conhecimento. Isso continua a ser verdade mas sucede que a evolução tem determinado um peso variável em relação a cada um desses vectores e, também, uma profunda mudança na forma como cada um é levado a cabo.

Nas velhas abadias cistercienses estudava-se, discutia-se e traduzia-se o acervo dos conhecimentos disponíveis, transmitindo-o aos monges e não se limitando a procura de novas ideias ou a interpretação das antigas aos domínios da filosofia e da religião. A ordem olhou muito para a agricultura, para a mineração e para a metalurgia, dando um impulso grande não só aos seus aspectos teóricos como também às aplicações práticas dos conhecimentos adquiridos. Vale a pena estudar a revolução tecnológica que promoveram e que nos permite olhar para a Idade Média com novos olhos. Portugal beneficiou da forma como eles satisfizeram a sua curiosidade por tudo! Basta atentar sobre a localização dos seus conventos para ver como ela era criteriosa e lhes permitia experimentar para melhorar. Ainda nos nossos dias, quase nove séculos depois de se instalarem em Alcobaça, nós beneficiamos da sua esclarecida acção, no domínio da agricultura e, especialmente, da fruticultura. Quando, em 1937, foi decidido criar um Departamento de Pomologia da Estação Agronómica Nacional não se hesitou em fixá-la em Alcobaça porque era lá que residia uma tradição de oito séculos de experimentação e de saber. As abadias de então eram precursoras das universidades: estudavam para conservar o saber, transmitiam-no e exploravam novos caminhos para avançar no conhecimento.

Na Universidade do Minho ainda hoje se renova uma tradição abacial, através da melhoria das técnicas de fermentação. Na Europa do Norte, onde a bebida mais comum era a cerveja, havia tantas quantas as

abadias, cada uma curando de ser melhor do que as outras ou, pelo menos, diferente. Os progressos eram lentos mas estavam em consonância com o ritmo do tempo. Eles traduziam, sobretudo, aquilo que ainda hoje deve ser o nosso maior propósito: estimular a curiosidade e o gosto de a satisfazer. Ela é que deve impulsionar a actividade da Universidade e, a bem dizer, da Escola, em todos os seus degraus. A curiosidade representa a mola do progresso. Por isso, tudo na Escola deve estar orientado para a formulação de perguntas e para a procura de respostas. Isso tem de ser treinado desde muito cedo porque já não há lugar para as posturas passivas e meramente repetitivas do saber acumulado. O terceiro vector da acção da Universidade – a ampliação dos conhecimentos – assume, no nosso tempo, um dinamismo que acaba por envolver os dois primeiros. Isso põe numerosas questões que vão desde a pedagogia às relações com o mundo exterior, incluindo o modo de fazer as coisas ou, se quiserem, a ética em todas formas de comportamento.

A comunicação sempre foi fundamental. Os monges que viajavam nunca estavam em ambientes desprotegidos porque o uso do latim permitia a troca de ideias, de conhecimentos e de ambições. O fechamento ao mundo e a ausência de intercâmbios só trouxe atrasos na evolução. Nunca houve, porém, tanta facilidade de relacionamento como no nosso tempo. Temos de aproveitar as oportunidades que se nos oferecem para dar um conteúdo moderno àqueles três vectores. Da nossa capacidade e vontade para o fazer decorrerá o ritmo a que havemos de acompanhar a evolução.

A Universidade do Minho está em boas condições para o fazer.

Com quase 19 000 estudantes tem expressão demográfica com peso, não sendo, contudo, nenhum gigante ingovernável. Frequentam o

primeiro ciclo quase 13 000 estudantes, o segundo quase 5000 e o terceiro um pouco mais de 1000.

Há onze Unidades Orgânicas de Ensino e Investigação e uma especialmente orientada para a investigação. Sublinho a importância de estar referido expressamente no título daquelas onze unidades a associação entre ensino e investigação, quer dizer a ligação entre a segunda e a terceira das funções anteriormente mencionadas. Quando se percorre o elenco dos domínios por que são responsáveis as diferentes Escolas verifica-se que estamos a lidar com uma verdadeira universidade porque os principais ramos do saber nela estão representados. Quer os estudantes quer os docentes podem esperar conviver com membros de outras formações, assegurando-lhes uma diversidade de contactos que não pode deixar de ser benéfica porque traduz a variedade do mundo e dos seus problemas.

Não sendo uma universidade gigantesca ela assegura complementaridades importantes. É sempre de temer a excessiva concentração de formações que contrariam, aliás, o sentido de universalidade que uma universidade deve ter.

Por outro lado, é uma universidade nova – faz hoje quarenta e cinco anos- o que lhe permitiu adoptar posturas modernas, nomeadamente em relação a conteúdos curriculares e a métodos pedagógicos. Tal é o caso, por exemplo, da nossa Escola de Medicina fundada no ano 2000. Ela beneficiou muito das inovações por que foi responsável o Prof. Pinto Machado, a quem nunca será de mais prestar homenagem, o que eu faço com grande convicção.

Mas os exemplos, nesse domínio, poderiam multiplicar-se. Eles ficam a dever-se ao recrutamento de docentes e investigadores jovens, muitos deles formados em instituições de ponta que, por isso, conviveram com processos inovadores. Para nos mantermos na linha

da frente, será importante conservarmos uma preocupação reformista permanente, de modo a não cairmos na propensão conservadora ou imobilista, corrente em algumas instituições antigas que mostram relutância em se reformar ou em fazer perder privilégios a alguns “bonzos”.

Ajuda-nos na manutenção de uma postura correcta o facto da Universidade do Minho manter contactos numerosos com outras instituições nacionais e estrangeiras, tanto no grupo dos docentes como no dos estudantes. O primeiro tem elementos formados nas melhores universidades dos dois lados do Atlântico com as quais costumam manter laços de colaboração; por outro lado, acolhe com frequência nas suas Escolas e Laboratórios, parceiros com os quais estão envolvidos em projectos internacionais que lhes foram atribuídos por concurso e em matérias que, sistematicamente, estão na vanguarda da pesquisa de novos conhecimentos. O segundo também funciona nos dois sentidos: quase 12% dos estudantes da Universidade do Minho são estrangeiros, com uma presença mais expressiva no segundo ciclo (quase 30%) e no terceiro (quase 43%), o que representa um indicador excelente da nossa capacidade de atracção. Significa que eles vêm na Universidade um local de eleição para avançar na sua carreira.

Eu sou dos que pensam que o programa ERASMUS contribuiu para mudar os horizontes de todos os estudantes europeus. Este ano serão 335 dos nossos que irão estagiar em instituições de 35 países diferentes, ao abrigo daquele programa e de outros que asseguram o intercâmbio com universidades, na maior parte dos casos europeias. No sentido inverso também a Universidade do Minho receberá 544 estudantes de 43 nacionalidades distintas.

A percepção directa de diferentes formas de olhar para o mundo fará muito bem aos seus intérpretes e também aos que não vão mas ouvem os relatos dos que foram e convivem com os que para cá vieram. Estivemos demasiados anos afastados dos outros, com as poucas excepções dos candidatos à carreira docente que conseguiram bolsas para completar a sua formação no estrangeiro. Agora, muitos asseguram o contacto, projectam o que nós fazemos e comparam-no com o que fazem os outros. A isso chama-se alargar horizontes! E, nessa matéria, os Portugueses nunca tiveram dificuldade nem para entender os que visitam nem para acolher os que para cá vêm.

Todo esse movimento não pode deixar de ter consequências benéficas na preparação dos novos estudantes.

Por outro lado, além dos acordos ERASMUS, há outros. Nesta data são 1526 protocolos activos os que unem a Universidade do Minho a 718 entidades parceiras de 78 países. Aqueles são 1336 mas quase 200 são protocolos de cooperação institucional nos domínios do ensino, da investigação e da interacção com a sociedade.

Mas há outros protocolos da maior importância. São os que foram estabelecidos com empresas com vista à realização de trabalhos de apoio à sua actividade. Não se justifica que, nesta ocasião, eu seja exaustivo na sua enumeração. Basta dizer que com valores de mais de 1 milhão de euros estão firmados 10 protocolos e com menos desse valor eles são mais de 100!

Entre todos avulta, naturalmente, o que foi celebrado com a Bosch. Não o irei descrever, obviamente, mas devo referir os parâmetros que representam uma medida do seu sucesso.

Em 2013 a produção da empresa da Bosch localizada em Braga foi de 480 milhões de euros, mobilizando 2800 trabalhadores. Em 2018 a produção passou para 1130 milhões de euros e o emprego para cerca

de 4080, com 500 agentes aplicados em actividades de Investigação e Desenvolvimento, a maior parte deles oriundos da Universidade do Minho.

Está em discussão um novo protocolo para um terceiro projecto. Mas , para caracterizar os anteriores basta dizer que o primeiro, relativo ao período 2013/2015, orçava em 19 milhões de euros e envolvia 120 pessoas; o segundo, para 2015/2018 valia 54 milhões e envolvia 130 agentes; e o terceiro, ainda em discussão, montará a 108 milhões e reclamará 400 intérpretes. A evolução crescente dos valores referidos traduz satisfação e confiança. Esta é determinante para a afirmação da representação de qualquer instituição.

Em ligação com estes dados não é irrelevante que a Chanceler alemã, Angela Merkel, tenha vindo participar na inauguração de uma nova unidade daquela empresa. Tudo converge para a consolidação da boa imagem de que disfruta a Universidade do Minho.

Mas não são somente as grandes ou muito grandes empresas que figuram no campo de preocupações da Universidade. Estando localizada no coração de uma área onde predominam as pequenas e médias unidades, entendeu-se dever promover-se um Clube de Fornecedores que visa a capacitação das empresas para aumentar a sua prestação de bens ou serviços. Tendo-se mesmo fixado em 4 os objectivos a alcançar no factor de multiplicação do fornecimento actual.

Não é, assim, sem fundamento, que se vêm consolidando relações de parceria entre as Escolas e o tecido produtivo, através de uma colaboração virtuosa que consolida as duas partes.

Sucede que esta dinâmica atravessa muitas das Unidades Orgânicas de Ensino e Investigação e, também, a Unidade Orgânica de Investigação,

cuja excelência se vem afirmando em todo o Mundo, nomeadamente no Oriente, onde se localizam algumas das suas instituições-parceiras.

Mas não é só nas áreas da Engenharia, das Ciências e da Medicina que há marcas de excelência.

Eu próprio tive o gosto de acompanhar um estudo da evolução do desenvolvimento do País elaborado pela Escola de Economia e Gestão que é exemplar a muitos títulos: na fundamentação teórica e na plétora de informação que conseguiu reunir para apoiar as suas constatações e recomendações.

Não posso deter-me na análise do trabalho de cada uma das Escolas porque alongaria insuportavelmente a minha intervenção. Mas devo sublinhar que se está a caminhar na direcção certa, olhando à volta, perscrutando os problemas que a evolução suscita e procurando apresentar soluções praticáveis e inovadoras.

Quero, ainda, referir-me ao lançamento de dois novos órgãos da Universidade a cuja acção atribuo a maior importância. Já existia uma Provedoria dos Estudantes que acompanha de perto a forma como decorre a sua vida, procurando dar resposta aos muitos problemas que sempre enfrenta quem está a começar a vida de modo autónomo, muitas vezes longe dos seus e, correntemente, sem grandes folgas materiais.

Para assegurar um funcionamento mais lubrificado e mais reflectido de todos organismos da Universidade foi criado o lugar do Provedor Institucional e constituído um Conselho de Ética. Este último já elaborou o seu regulamento interno e começou a trabalhar com patente entusiasmo. Devo dizer que deposito na sua actividade grandes esperanças. Há cerca de trinta anos interessei-me pela definição de regras no campo da Bioética; o País está hoje apetrechado com instrumentos que asseguram o estabelecimento de

regras gerais e a resposta a casos especiais naquele campo. Mas a Ética tem de cruzar todos os domínios da nossa actividade. E tem de inculcar em cada um o hábito de se interrogar ácerca do modo como faz as coisas. Quero deixar registado o meu reconhecimento à Senhora Presidente do Conselho de Ética pela determinação serena com que está a arrancar com a actividade da nova instância e pelo entusiasmo com que olha para o seu novo encargo.

Devo mencionar, ainda, um outro aspecto positivo de que fui testemunha. A Associação Académica tem uma nova direcção a cuja entrada em funções assisti. Eu já havia verificado a seriedade com que os seus representantes no Conselho Geral costumam preparar as suas intervenções naquele órgão. Mas fui surpreendido pela consistência do relato das actividades de uma tertúlia que reuniu para discutir problemas da actualidade. Não posso deixar de saudar o seu trabalho! No nosso País não há uma grande tradição da discussão civilizada e fundamentada dos problemas da grei. Não quero, por isso, deixar de sublinhar a importância do que ouvi e de incitar os seus intérpretes a multiplicarem a iniciativa que tiveram, envolvendo cada vez mais participantes e abordando temas que respeitem aos problemas reais da Sociedade Portuguesa. Tudo deve ser reflectido e objecto de discussão.

Minhas Senhoras e

Meus Senhores:

Nas reuniões do Conselho Geral eu estou continuamente a pedir aos intervenientes para serem concisos e objectivos. Não me posso, por isso, permitir que hoje alguém diga que bem prega S. Tomás...

Em dia de aniversário devemos olhar para trás e avaliar se o caminho que percorremos foi ajustado e correspondeu aos propósitos dos fundadores. Espero que tenha ficado claro que a minha avaliação é

muito positiva. Mas eu acho que devemos, sobretudo, olhar para o futuro. Não há razões para não estarmos confiantes. Temos sabido resolver muitos dos problemas que surgiram e encontrar o tom adequado para responder aos desafios postos pela evolução. Mas também convém que, para nós, esteja claro que os novos desafios serão maiores e mais complexos do que os do passado. Por isso repeti, diversas vezes, que é preciso ter confiança!